

Fabregat Pitarch, Antonio; Gallardo Fernández, Isabel M. (2007). **Educación para la democracia como base de la integración en el aula. Una experiencia en Formación Profesional.** Pedro, Ana Paula; Martins, António; Fernandes, Carlos (Coord.) *Congresso educação e democracia: representações sociais, práticas educativas e cidadania.* Universidade de Aveiro, 2 e 3 de maio de 2007. Aveiro: Universidade de Aveiro, 512-520. ISBN: 978-972-789-240-2

Congresso **educação e democracia**: representações sociais, práticas educativas e cidadania



Universidade de Aveiro
2 e 3 de maio de 2007

ISBN: 978-972-789-240-2

congresso

educação e democracia

representações sociais,
práticas educativas e
cidadania

coordenadores

ana paula pedro
antónio martins
carlos fernandes

universidade de aveiro

departamento de ciências da educação

unidade de investigação

construção do conhecimento pedagógico e dos
sistemas de formação



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



Comissão organizadora do congresso

Ana Paula Pedro f999@ua.pt

António Martins amartins@dce.ua.pt

Carlos Fernandes csilva@dce.ua.pt

Hermínia Pedro msilveira@dte.ua.pt

Helena Damião hdamiao@fpce.uc.pt

João José Boavida jjboavida@fpce.uc.pt

Comissão científica

Ana Paula Pedro Universidade de Aveiro

Ángel Garcia del Dujo Universidade de Salamanca

António Martins Universidade de Aveiro

Hermínia Pedro Universidade de Aveiro

Helena Damião Universidade de Coimbra

João José Boavida Universidade de Coimbra

Luís António Pardal Universidade de Aveiro

Índice

Conferências

Migração portuguesa: da exportação de mão-de-obra, às questões de cidadania europeia 14
Jorge Carvalho Arroeteia

Aprendizagem da democracia 24
João Boavida

Globalização, imigração e cidadania: que desafios? 31
Ana Pedro

Democracia em contexto escolar – estudo piloto 47
Helena Damião

Problemas en la adquisición y desarrollo de los valores cívicos: los límites de la educación 62
Angel Garcia del Dujo

Ética, justiça e democracia

Educação, Democracia e Imaginário 75
Alberto Filipe Araújo; Joaquim Machado de Araújo

A democracia cognitiva 80
Jorge Varela

A Problemática ética no pensamento de Agostinho da Silva e Paulo Freire: sua importância e actualidade 85
Joaquim Jorge Moreira da Silva

Diálogo, liberdade e sustentabilidade democrática: os contornos de uma fundamentação da teoria da acção dialógica em Paulo Freire 93
Bianco Zalmora Garcia

A educação escolar como direito humano de três gerações: identidades e universalismo Carlota Boto	100
Transdisciplinaridade: um linguajar pedagógico como possibilidade de consolidar ética e justiça Andréia Triches; Roque Strieder	113
Ética e Formação de Professores para Educação Democrática Judite Zamith-Cruz; Maria de Lurdes Carvalho	121
Gestão do bem-estar docente e discente no ensino superior do Amazonas: dignidade, democracia, ética, cidadania Suely Mascarenhas	129
Gestão da interiorização do ensino superior no Amazonas: resgate da ética, da justiça e da democracia Suely Mascarenhas	134
Gestão da formação e bem-estar de professores rurais no Amazonas: democracia, ética, justiça, valores e direitos humanos – desafios e perspectivas Suely Mascarenhas; Saul Neves de Jesus; Luiz Sérgio Vieira; Luiz Gonzaga; Domingos Sávio Souza Barbosa da Silva; Soraya de Oliveira Lima	138
Cidadania(s) e democracia	
Cidadania e educação na esfera do desenvolvimento económico e humano António Vítor N. de Carvalho	146
A relação entre organizações do sector não-lucrativo e educação formal na promoção de uma educação para a cidadania democrática: resultados preliminares de um inquérito Rita Silva Gaspar Raimundo; Maria Helena Costa Salema	157
Agenda21 Escolar: um projecto educativo colectivo assente em processos participativos Joaquim Ramos Pinto	165
Anotaciones sobre la construcción de una convivencia compartida Margarita Sánchez González; Indalecio Sobrón Salazar	175

Descaminhos da democratização da Educação na Infância Eloisa Acires Candal Rocha	183
Olhares de infância sobre a cidade de São Paulo Nayana Brettas Nascimento	188
A criança: um ser de direitos na educação pré-escolar Carina M.F.C. Rosa Rodrigues; Márcia Andréia Triches; Sara Lúcia G. Ferreira	196
Os interesses das crianças, ou os motivos para gostar do que fazem Ofélia Libório; Gabriela Portugal	204
Educar para a sexualidade é educar para a vida? Virgínia Schindhelm; Maria Amélia Reis	213
Ética, Justiça e Democracia – As Crianças e o diálogo filosófico Marta Pires	221
Inovações pedagógicas no contexto das classes de aceleração da aprendizagem Maria Auxiliadora Soares Fortes	227
A socialização política dos professores e alunos do ensino secundário português Miguel Fino; João Esteves	234
Sentidos de autonomia e modalidades de acção dos estudantes de quatro escolas secundárias portuguesas Pedro Caetano	242
Reflexões acerca dos Pré-Vestibulares Comunitários: alternativas de inclusão no Ensino Superior Luís Carlos Ferreira; Hélio Campos Carneiro	251
Educar para o Voluntariado na Escola Lucília Pires; Ana Paula Pedro	258
Universidade, Memória e Participação Comunitária: Uma experiência educacional com projetos de Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Alix Pinheiro Seixas de Oliveira	265
Integração dos alunos disléxicos no ensino universitário Lénia Carvalhais; Carlos Fernandes da Silva	272

Educação; cidadania e inclusão social: uma forma especial/excepcional de enxergar a natureza R.C. Cecchetti; G. Junger; D. Santos; R. Pólo; A. Barbosa; D. Pimentel	278
A educação pelo teatro como prática de inclusão social Claudio de Souza Castro Filho	283
Educação para a tolerância numa escola inclusiva e plural para todos Carlos Meireles-Coelho; Manuel Ângelo Silva	290
A participação infantil nos contextos educativos: para uma educação inclusiva Kátia Adair Agostinho	297
TV digital e as possibilidades de novos espaços educativos interactivos e democráticos Simone de Lucena Ferreira Graziela Raupp Pereira	306
O professor como promotor de uma cidadania democrática – dados de um questionário dirigido aos professores no ensino do 3º Ciclo e Secundário Roger F. Enes; Magda J.T. Rosado; Maria; R.P. Matos; Guilherme Ferreira; Ana L. Marta; Ana Pedro	314
Produto multimédia – Dispositivo pedagógico linguístico e cultural para apoio ao desenvolvimento de competências em Português Sandra Figueiredo; Carlos Fernandes da Silva	322
As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no Currículo do Ensino Básico Ilda Pestana; António Martins	330
El espacio virtual como lugar estratégico para la formación en valores. Un experiencia en Educación Ambiental José Manuel Muñoz Rodríguez; Ángela Barrón Ruiz	337
A cidadania através da participação popular no ordenamento do território: o papel da educação Sheila Holz; Tatiana Villela de Andrade Monteiro	348
Cidadania e Literacia: Desafios para uma Educação em Ciência Ângela Bonifácio	355
PmatE: a matemática fora da Escola A. Batel Anjo, F. Assis, P. Oliveira, P. Trincão	359

A Divulgação de Ciência como Agente de Cooperação Internacional António Batel Anjo; Ana Alexandra Nunes	364
Cafés de Ciência – à procura de uma participação cívica proactiva P. Trincão; J. Pereira; J. Oliveira; M. Valença; T. Pereira; F. Assis; I. Mendes; D. Ferreira; H. Rodrigues; A. Batel Anjo	368
“Laboração contínua”: o jornal como suporte de comunicação P. Trincão; D. Ferreira; F. Assis; M. Valença; H. Rodrigues; J. Pereira; Pereira; J. Oliveira; I. Mendes; A. Batel Anjo	373
“Na Barriga do Caracol” – Histórias com Ciência. Um exemplo prático de educação para a cidadania em crianças do pré-escolar P. Trincão; T. Pereira; M. Condesso; D. Ferreira; J. Oliveira; F. Assis; M. Valença; H. Rodrigues; J. Pereira; I. Mendes; A. Batel Anjo	376
Voluntariado em centros de ciência: um exercício de cidadania P. Trincão; J. Oliveira; M. Valença; T. Pereira; F. Assis; I. Mendes; D. Ferreira; J. Pereira; H. Rodrigues; A. Batel Anjo	379
NanoDiálogo: um projecto de cidadania interventiva e participativa P. Trincão; H. Rodrigues; J. Oliveira; M. Valença; T. Pereira; F. Assis; I. Mendes; D. Ferreira; J. Pereira; A. Batel Anjo	383
Migrações e cidadania	
Ser e estar nas línguas: relato de três mulheres imigrantes em Portugal Maria Helena Ançã	389
A diversidade linguística e cultural: um pilar na educação para a cidadania? Susana Sá; Ana Isabel Andrade	398
O papel da educação em línguas no ensino superior no desenvolvimento da cidadania – da influência das práticas educativas nas representações linguísticas dos alunos Susana Pinto; Maria Helena Araújo e Sá	405
Escola estadual Cesário Bastos: memórias da escola e da cidade Maísa de Almeida Braga	413
Migração, multiculturalismo, cidadania e ensino superior na Amazónia: desafios e perspectivas de gestão Suely Mascarenhas	420

Populações migrantes, cidadania e formação de professores: um desafio no Estado de Rondônia, região norte do Brasil, portal da Amazônia Maria do Socorro Pessoa	424
O papel das associações de imigrantes na construção da cidadania em Portugal e Espanha Lucília Pires; Ana Paula Pedro	430
Cidadania, Inclusão e Multiculturalidade: a integração de imigrantes em Portugal Lucília Pires; Ana Paula Pedro	438
Multiculturalismo, democracia e cidadania	
Educação para os valores numa sociedade multicultural António Joaquim Galvão	447
A Escola face às perspectivas e desafios da diversidade Hilda Rocha	464
A voz também tem fome! As aprendizagens da democracia no contexto de transições democráticas: o caso de Angola Catarina Antunes Gomes	471
Enfoques de aprendizagem, democracia e cidadania: auto-regulação do estudo-aprendizagem e desenvolvimento de competências no ensino superior do Amazonas (Humaitá/Brasil) Suely Mascarenhas; Fuensanta Hernández Pina; Pilar Martínez Clares; José David Cuesta; Pedro Rosário; Alfonso Barca Lozano; Juan Carlos Brenlla Blanco	478
Orientação psicopedagógica no ensino superior: um diagnóstico de expectativas iniciais de estudantes universitários do Amazonas (Humaitá/Brasil) Suely Mascarenhas	484
Um estudo de caso sobre o Quilombo de Santana no município de Quatis-denúncia, exclusão e resistência Ricardo Luiz da Silva Fernandes; Maria Amélia Gomes de Souza Reis	490
Desafios à Integração de estudantes dos PALOP e Timorenses no Ensino Superior. Contributos da Educação Multicultural Anabela Pereira; Maria João Rodrigues	497

Multiculturalidade na Serra da Lousã: Estudo sobre o estilo de vida de famílias que moram em aldeias abandonadas e suas implicações no bem-estar e sucesso escolar dos filhos 504
Isabel Reis Santos; M. Luísa Santos

Educación para la democracia como base de la integración en el aula. 512

Una experiencia en formación profesional

Antonio Fabregat Pitarch; Isabel M^a Gallardo Fernández

Género, educação e democracia

Democracia e gênero na escola: políticas e práticas 522
Tânia Suelly Antonelli Marcelino Brabo

A questão de gênero na formação da educadora e do educador 531
Tânia Suelly Antonelli Marcelino Brabo

Educação e gênero: o envolvimento parental na escola e a criação de um sistema embrionário para a cidadania democrática 542
Inês P. Coelho

Reflexões sobre a formação no curso de pedagogia: a marca do feminino como referência para a ação docente 550
Lígia Cardoso Carlos

As máscaras e os rostos da cultura organizacional escolar: uma crítica ao movimento gestor da cultura no desenvolvimento democrático das escolas 555
Leonor Lima Torres

Lideranças transformacional, transaccional, laissez-faire e resultados da liderança: um estudo sobre a liderança feminina nos cargos de gestão escolar 567
Brígida Batista; Jorge Adelino Costa

Educação e violência

Gênero, *bullying* e cidadania: desafios da gestão de uma educação para os valores no ensino superior no Amazonas (Humaitá/Brasil) 579
Suely Mascarenhas; Fuensanta Hernández Pina; Ana Tomás de Almeida; José María Avilés Martínez

Escola na prisão: a Educação como estratégia de ressocialização de sujeitos transgressores de regras sociais estabelecidas 586
Gilce Moraes

Prática educativa e (res)socialização: desafio das escolas prisionais no Rio de Janeiro!? Surgimento do Sistema Prisional e o encarceramento como controle das massas populares 593
Bruno Fernandes; Maria Amélia Sousa Reis

O que demandam as escolas aos psicólogos? Reflexões e indagações sobre o trabalho com crianças com queixa escolar 600
Paula L.C. Mocarzel

Educação, trabalho e representações sociais

Influência da representação social da organização na representação social de um processo de mudança institucional 609
Ana Cristina Antunes

Complexificando as representações 642
Amanda Oliveira Rabelo

As representações sociais de Educação de Infância. O pensamento dos estagiários da Licenciatura de Educação de Infância 650
Anabela Ramos; Andreia Gouveia; Filipa Nunes; Joaquim Soares e Sara Marto

As representações sociais na Educação de Infância 659
Lisa Gomes da Silva; António Maria Martins

Representações de cidadania dos decisores curriculares de escola 668
Ana Mouraz

A área de estudo acompanhado na perspectiva dos alunos 677
Fernando Jorge Costa Figueiredo

A Pedagogia da Alternância na Formação de Jovens do Campo: Novos Papéis, Novas Práticas, Velhas Representações? 685
Lourdes Helena da Silva

Os Jovens: uma leitura de suas representações sociais 693
Maria Laura Puglisi Barbosa Franco; Marcos Antonio Lucci; Ângela Maria Infante; Marlene Domingos Orth; Maria Aparecida Anversa

A representação social sobre o diploma universitário na ótica de alunos de licenciatura 701
Marcos Antonio Lucci

Educação e recomposição social: o caso dos diplomados da Universidade Manuela Gonçalves; António Maria Martins	709
Análise etnográfica do trabalho dos técnicos de educação de adultos de uma associação de desenvolvimento local Armando Loureiro	719
O projeto pedagógico e o cotidiano escolar: refletindo sobre as representações sociais dos docentes Alberto Cervellini Filho; Alberto Albuquerque Gomes	728
A Escola é o lugar onde os professores aprendem? Refletindo sobre as Representações Sociais construídas durante o Trabalho Docente sobre a sua Formação Cíntia Cristina Teixeira Mendes; Alberto Albuquerque Gomes	737
Gestar: uma formação de professores em serviço e suas contribuições para o desenvolvimento de conteúdos em geometria Maria Elizabete Rambo Kochhann; Nelson Antônio Pirola; Isabel Cabrita	748
O crescimento da educação profissional no Brasil no período de 2000 a 2006: contribuição do Centro Literatus como escola profissionalizante na formação de técnicos para o mercado de trabalho no estado do Amazonas Brasil Alcirene Maria da Silva Cursino	756
Participação e democracia na organização escolar: estudo de caso sobre as representações do pessoal não docente Manuela Sampaio; António Neto-Mendes	764

* Os textos aqui apresentados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, constituindo expressão fiel dos mesmos tanto do ponto de vista do conteúdo como da ortografia.



Educación para la democracia como base de la integración en el aula. Una experiencia en formación profesional

Antonio Fabregat Pitarch¹; Isabel M^a Gallardo Fernández²

¹ Escuela de Artesanos; ² Universidad de Valencia

Introducción

El conseguir una escuela para todos, no excluyente, es un compromiso universal, si hacemos caso a las declaraciones que al respecto se realizan desde todos los foros internacionales. Y estos principios son los que pretendemos poner en práctica en nuestra tarea docente cotidiana.

Educar a la ciudadanía, hoy en día no es atender a una mayoría, sino a todos. Y el reto más actual, estriba en hacerlo desde principios de equidad. Así toma especial interés la idea de que *todos tienen derecho a un buen aprendizaje* o lo que es lo mismo, alcanzar un justo equilibrio entre *equidad y calidad*.

Siguiendo los estudios de Darling-Hammond (2001: 42) diremos que el reto de la escuela en el siglo XXI es *garantizar* a todos los ciudadanos el *derecho a aprender*. Lo que supone *enseñar para la comprensión y enseñar para la diversidad*. Esta tarea – nos dice la autora – exige un nuevo paradigma para enfocar la política educativa. Supondrá cambiar los afanes de los políticos, obsesionados en *diseñar controles*, por otros, que se centren en *desarrollar las capacidades* de las escuelas y los profesores para que sean responsables del aprendizaje y tengan en cuenta las necesidades de los estudiantes y las preocupaciones de la comunidad.

Es evidente que la institución escolar se enfrenta cada vez más a un entorno crecientemente complejo. Por tanto, un entorno más incierto requiere nuevas tareas a desarrollar en nuestros centros de enseñanza.

¿Qué significa hoy educar para el ejercicio de la democracia?

¿Cuáles son los valores relevantes que es necesario tener en cuenta para orientar la formación de los ciudadanos?

Son éstas, cuestiones necesarias a plantear porque nos falta cultura democrática.

La búsqueda de una educación democrática tiene tras de sí una amplia tradición de saberes y experiencias que nosotros respetamos y asumimos como propios pero a los que deseamos contribuir con nuevas ideas y experiencias.

Sin lugar a dudas, de entre todas las ideas y experiencias que conforman nuestra tradición, debemos un reconocimiento especial a las aportadas por J. Dewey (1859-1952) para quien la relación entre democracia y educación constituía la clave de bóveda para construir la nueva educación. Son muchas las ideas actuales que, como reconoce Gilbert (2001), tienen su origen en la obra de J. Dewey: la educación centrada en el alumno, el plan de estudios integrado, la construcción del conocimiento, la agrupación heterogénea, los grupos del estudio cooperativos, la escuela como la comunidad, el reconocimiento de la diversidad, el pensamiento crítico, etc. Pero por encima de todas ellas hay una idea que sigue iluminando nuestra búsqueda: la



educación es un proceso de vida y no una preparación para la vida. Por eso seguimos creyendo con Dewey que la escuela *tiene que representar la vida presente: tan real y vital para el niño como la que lleva en su hogar, en el vecindario, o en el patio de recreo* (Dewey, 1997: 39).

En una de las más reconocidas formulaciones de lo que deba ser una educación democrática, Gutmann (1987) señala que ésta debe preparar a todos los alumnos para participar, como ciudadanos políticamente iguales, en la configuración deliberativa del futuro de su sociedad. Conscientes de la reproducción social que suele conllevar la experiencia escolar, pero al tiempo en una actitud decidida de que así no suceda, el ideal de una democratización de la educación se caracteriza por condiciones formales: no represión, no discriminación y deliberación democrática.

Esto es fundamental para los educadores. Cuando se habla de educación para la democracia, no se está significando que se van a cambiar las escuelas de una manera de ser, por otra. *Hacer transformaciones en educación no significa, con frecuencia, hacer nada nuevo; lo que significa es darle una perspectiva distinta a las mismas cosas que se hacen y en eso consiste la transformación.*

El conflicto, la diversidad y la diferencia son constitutivos de la convivencia democrática (Principio de la Complejidad). No existe un modelo ideal de democracia que podamos copiar o imitar, a cada sociedad le toca crear su propio orden democrático (Principio de Incertidumbre).

La democracia parte del supuesto de que los hombres y las mujeres comunes y corrientes, que están en una sociedad, son los que tienen la capacidad de crear las normas, las leyes y las instituciones que ellos mismos quieren vivir, cumplir y proteger: acepta a cada persona como fuente de creación de orden social, por eso los miembros de una sociedad democrática se llaman ciudadanos.

Un ciudadano es la persona que es capaz, en cooperación con otros, de construir o transformar las leyes y normas que él mismo quiere vivir, cumplir y proteger para la dignidad de todos. Entonces, ¿qué es educación ciudadana? ¿Qué es una escuela democrática? *Una escuela democrática es una escuela que forma ciudadanos.*

1. Contexto de la experiencia

Esta experiencia ha sido llevada a cabo durante el curso 2005/2006 en las Escuelas de Artesanos de Valencia (C.C. de Educación Infantil, Primaria, Secundaria Obligatoria y Formación profesional) y concretamente en el Ciclo Formativo de Grado Medio de Gestión Administrativa.

En la programación didáctica del módulo *Productos y Servicios Financieros y de Seguros Básicos* uno de los temas importantes a trabajar con el alumnado que cursa el Ciclo Formativo de Gestión Administrativa es el *sistema financiero español*.

En nuestro planteamiento docente tomamos como referencia los saberes y experiencias del alumnado y es por ello, que somos conscientes de la necesidad y de la importancia de partir de las experiencias previas del alumnado (Pérez Gómez, 1998).

Cada día es más inminente la necesidad de la formación y fortalecimiento en la escuela y en la sociedad de los valores humanos de igualdad, respeto, tolerancia, pluralismo, cooperación y corresponsabilidad social.

La educación vuelve a ser una pieza clave y un elemento estratégico en el desarrollo de la sociedad del conocimiento y de la información (Castells, 1997).

Pensamos que la escuela ha de proporcionar un medio rico de relaciones interpersonales que potencien la comunicación y los intercambios productivos entre compañeros (de ambos sexos, de diferentes culturas, etnias, capacidades, etc.). Asimismo será en estos intercambios de ideas, en estas ayudas mutuas y mediante el trabajo cooperativo, donde todo el alumnado – con la dirección y apoyo del profesor– aprenderá a confrontar puntos de vista, a ser más crítico y tolerante y a aceptar las diferencias, con lo que se equilibrarán los intereses y aportaciones individuales con la perspectiva y necesidades grupales.

Pretendemos implicar y motivar a los alumnos en el desarrollo del tema y para ello hemos de tener en cuenta sus características, intereses e inquietudes. Es por ello que aprovechamos la gran variedad de alumnado de diferentes países – Brasil, Bolivia, México, El Salvador, Argentina, Chile –. Por tanto, creemos conveniente también estudiar cada uno de los Sistemas Financieros de esos países y así poder compararlos y ver también la importancia que representa para cada país el tener un sistema financiero.

Así es como se inicia la reformulación del tema planteado en la programación de modo que los intereses de cada alumno sean visibles y se tengan en cuenta en el diseño y desarrollo de dicho tema.

Tenemos como referente la idea de que *el diálogo ha de ser la base para aprender y convivir, para dotar de sentido lo que se hace en el aula*. Por tanto, la discusión y el debate han de ser parte central de la actividad escolar, garantizando la posibilidad real de desarrollar competencias comunicativas interculturales y la construcción conjunta del conocimiento.

Pretendemos hacer conscientes a nuestros alumnos/as de lo que han de aprender cada uno desde su propio bagaje y la importancia de explicitar su idea de lo que es enseñar y aprender porque consideramos que, es necesario explicitar lo que sabemos para plantearnos metas a conseguir y para compartir con los otros nuestros conocimientos.

Pensamos que la comprensión de una materia/ asignatura requiere que el alumnado se implique de forma activa en las actividades de aprendizaje y, para ello, ha de tomar conciencia de la utilidad de los contenidos a aprender y de la importancia de los mismos en su vida personal y en su posterior desarrollo profesional.

Hay que promover una educación democrática e intercultural para toda la población escolar – y no sólo para los inmigrantes –, pues todos somos muy diversos aunque por encima de todo, más iguales que diferentes. Algo que exige una cultura escolar más calidoscópica y contextos escolares más inclusivos para favorecer la integración y la cohesión social.

2. Objetivos de la experiencia

- Facilitar la apertura de alumnos/as hacia la realidad diferente de otras culturas favoreciendo el intercambio de saberes en el aula de formación profesional.
- Potenciar valores de aceptación mutua, comunicación, cooperación, igualdad, respeto al pluralismo cultural y tolerancia.
- Evitar respuestas de rechazo, racismo o xenofobia, indiferencia, baja autoestima por parte de los alumnos/as de diferentes culturas.
- Conocer y analizar los diferentes sistemas financieros.
- Que cada alumno/a conozca el sistema financiero de su país.

- Favorecer el reconocimiento positivo de las diversas culturas y diversos sistemas financieros.
- Reflexionar y mejorar la práctica de la enseñanza.

3. Desarrollo de la experiencia

La experiencia comienza con la formulación a los estudiantes preguntas:

¿Qué es un Sistema Financiero?

¿Cómo tiene organizado cada país su Sistema Financiero?

Al plantear estas preguntas los alumnos/as se sorprenden de la forma de presentar el tema. Una alumna (Karla Mariana) de Bolivia pregunta: ¿Pero, aquí en España también es importante el Sistema Financiero de mi país?

Ante esta observación, planteamos que lo importante no es sólo saber/ conocer el Sistema Financiero Español sino también ver la importancia que tiene el tener un Sistema Financiero y la interrelación de los Sistemas Financieros de todos los países.

A partir de estas *preguntas iniciales y del diálogo* que se genera en el aula, decidimos entre todos investigar y buscar información acerca del Sistema Financiero propio de cada país.

La tarea de los alumnos/as ha consistido en pensar y reflexionar primero de forma individual, sobre las preguntas formuladas, y a nivel de pequeño y gran grupo, aportar sus planteamientos y formulaciones, indicando que aspectos de los explicitados, merecen ser destacados y pasar a formar parte del conocimiento construido por el grupo. Ésta, no es tarea fácil y lleva mucho tiempo el llegar a acuerdos.

Y también les preguntamos:

¿Cómo podrías encontrar información para investigar sobre este tema? ¿Dónde?

Tratamos de que los propios alumnos/as piensen y reflexionen sobre los recursos a utilizar en la búsqueda de información y en la *resolución del problema planteado*.

Para iniciar la actividad de gran grupo proponemos que cada alumno/a vaya explicando cuál es su país de procedencia. Esto genera una situación de diálogo e intercambio de experiencias muy interesantes (Intercambio de saberes y experiencias).

Se propicia así un foro adecuado en donde aprendemos a escucharnos y a respetarnos asumiendo la diferencia como riqueza. Nuestras experiencias vitales van aflorando, nos vamos conociendo y el nivel de confianza que se genera aumentará los lazos de amistad. De este modo se pretende, partiendo del conocimiento personal, llegar al trabajo académico de una forma más cercana.

A partir de ahí se forman grupos de cuatro alumnos/as. Cada grupo investigará y buscará información para construir su tema referente al Sistema Financiero del país elegido.

Posteriormente, una vez constituidos los grupos, vamos al aula de informática para buscar información en la Red acerca de los Sistemas Financieros de los distintos países. Poco a poco se va construyendo el tema. Los alumnos y alumnas tienen que buscar información, seleccionarla, contrastarla y confeccionar un documento Word del tema: *Sistema Financiero de su país*.

Desarrollado el tema en Word, han de confeccionar un documento Power Point por grupo para que cada uno pueda exponer su tema al resto de alumnos/as de la clase.

Y una vez expuestos todos los temas elaborados entre todos se confecciona un CD en el que se recogen todos y cada uno de los trabajos de los diferentes Sistemas Financieros incluido el español, así como una lista con cada uno de los nombres y apellidos de sus autores con sus teléfonos móviles y sus direcciones de e-mail para que en un futuro, puedan estar en contacto e incluso puedan encontrar trabajos, no sólo para ellos mismos sino para sus propios compañeros de curso.

Con la *elaboración del CD* pretendemos que cada uno de los alumnos tenga su CD y de forma individual posteriormente, tendrá que analizar cada uno de los Sistemas Financieros observando y escribiendo en una ficha las diferencias, similitudes, ventajas e inconvenientes que cada alumno/a observa de los Sistemas Financieros estudiados.

Al final hay un análisis, una discusión y puntos de vista en común del Grupo – clase.

Esta experiencia ha sido muy fructífera porque los alumnos tenían que conocer cuales eran los conceptos más importantes de un sistema financiero. Así trabajamos contenidos tales como: Sistema financiero, intermediarios financieros y activos financieros, las estructura del sistema financiero, así como las entidades de crédito más importantes, sociedades de garantía recíproca y los principales mercados financieros (los interbancarios, el de divisas, el de deuda pública, etc.).

También han podido constatar la importancia no sólo del Sistema Financiero Español sino de los demás Sistemas Financieros y su interrelación.

En este proceso de construcción del conocimiento, *las preguntas* que inician las distintas actividades y las que se plantean *durante* las sesiones de puesta en común y en las de pequeño grupo *han sido elementos esenciales* puesto que han servido para articular el recorrido de esta experiencia al facilitar los procesos de reflexión, contraste de ideas, reconducción de planteamientos, síntesis y sistematización.

La capacidad humana para preguntarse sobre cualquier fenómeno es la base de la cultura en todas sus manifestaciones. Dar la palabra a los alumnos es el inicio de un proceso en el que ellos serán los que den forma a los significados y las acciones a partir del uso del lenguaje. *La conversación y la pregunta* son un soporte esencial de la enseñanza, las mismas se usan para informar, instruir, exponer ideas, debatir, indagar y evaluar el aprendizaje del alumno.

Conversar, preguntar y responder son actividades cotidianas en nuestra metodología. Cada una de ellas debe representar el ejercicio cotidiano de quienes integran un aula escolar. Y muy por el contrario, la conversación no debe ser vista, como algunos docentes lo hacen, como un obstáculo para el proceso de aprendizaje (Tough, 1989).

De lo que se trata entonces es de propiciar espacios para pensar, interrogar/se y comunicarse a través de la conversación. Se trata de descubrir el encanto de la palabra. Es de esta manera como el aula se convierte en un encuentro de experiencias de vida. La conversación, como afirma Rosales, ocupa un relevante lugar en los procesos de pensamiento y aprendizaje. “La conversación presenta una amplia gama de valores de carácter mental, social, lingüístico y personal que la hacen especialmente recomendable en todos los niveles de enseñanza” (Rosales, 1988: 182).

No podemos prescindir de la palabra, cuando educamos. De la palabra del educador, pero también de la del educando.

Aprender a preguntar es aprender a construir el conocimiento, supone la capacidad de formular problemas tradicionalmente ligada a la capacidad creativa y reflexiva del hombre. Cuando el estudiante formula preguntas sobre lo que lee debe no solamente entender lo que lee sino, además tener claridad sobre lo que pregunta. El preguntar es una herramienta para el entendimiento e implica además análisis y síntesis, procesos también involucrados en la producción de los ensayos.

En esta experiencia la *enseñanza se ha centrado en los estudiantes*. A través de la observación sistemática hemos podido constatar que los alumnos/as aprenden a escucharse, se coordinan entre sí, aprenden a convivir, colaboran unos con otros, en definitiva, ven la asignatura con un sentido y una finalidad para su futuro desarrollo profesional. Pesa más la implicación en la materia y las ganas de aprender que en sí la evaluación. “En la clase lo importante es el diálogo pedagógico como eje fundamental de la construcción del aprendizaje” (RAMOS, 1994).

Otro aspecto a destacar, es *la autonomía* que hemos concedido al alumnado en la construcción del conocimiento, lo cual ha sido posible incentivando el debate, la reflexión y la participación como dinámicas básicas de aula.

Con este planteamiento didáctico, aspiramos a que lo que se viva en el aula tenga en sí mismo, valor educativo e intelectual, más que instrumental; es decir, las experiencias que se desarrollan en el aula no pueden pensarse solamente como un medio para alcanzar determinadas metas, sino como el *medio* en el que se viven experiencias en sí mismas gratificantes.

En todo nuestro recorrido profesional y personal hemos aprendido que el profesor y el alumnado no han de estar enfrentados ni ser enemigos sino que las relaciones que entre ellos se establezcan han de ser de cordialidad, cooperación, diálogo y corresponsabilidad.

Es un hecho que los profesores actuales nos enfrentamos con un contexto problemático. No sólo hemos de conocer las competencias de los alumnos y los contenidos que serán objeto de enseñanza, sino que hemos de asumir el cambio de intereses resultante tanto de las transformaciones culturales contemporáneas como del carácter de la escuela como un lugar de encuentro cultural.

Asumimos que el docente no es sencillamente un transmisor de conocimientos, no, es un impulsor de la curiosidad.

Tenemos ante nosotros un gran reto: *convertir nuestras aulas en espacios para el debate, la reflexión compartida, la toma de decisiones*. Espacios donde se elaboren propuestas, donde se negocien y discutan alternativas, donde los grandes discursos sobre la libertad, la autonomía o la solidaridad se aparten y dejen espacio a las decisiones sobre las actividades, selección de contenidos o elaboración de materiales, entendiendo que es en la negociación fundamentada de esas decisiones donde cobra pleno sentido nuestro horizonte utópico.

4. Algunas conclusiones

En el desarrollo de esta experiencia hemos intentado conseguir el reconocimiento mutuo y estimular el acercamiento a través del trabajo colaborativo aprovechando la diferencia y disfrutando de ella.

Las situaciones de aula y las actividades planteadas, han posibilitado:

- La comunicación e interrelación entre todos/as los alumnos/as tratando de superar los prejuicios y estereotipos.

- La atención a la diversidad y respeto a las diferencias, sin etiquetar ni definir a nadie en virtud de éstas.
- No segregación en grupos aparte.
- Lucha activa contra toda manifestación de racismo o discriminación.

Asumimos que la interculturalidad es un instrumento que intenta asegurar unas condiciones de partida mínimas para que las personas de grupos minoritarios étnicos superen las desventajas educativas o barreras sociales y puedan acceder a la igualdad desde su propia diferencia.

El fundamento de la interculturalidad es la comunicación o relación intercultural y el de la pedagogía intercultural lo constituye el hecho de que lo que se comunica, o se pone en contacto, no son las culturas sino personas con culturas diferentes.

La educación intercultural ha de lograr que “el educando pueda desarrollarse en el seno de su propio contexto cultural, sin ningún tipo de discriminaciones, ni de limitaciones”, haciendo óptimamente posible una “educación respetuosa con la diversidad cultural que incluya la posibilidad de cultivar plenamente la cultura propia como garantía de identificación personal para el sujeto y de pervivencia cultural para el grupo” (Sarramona, 1993: p. 33-35).

Uno de los principales retos a los que debe hacer frente la escuela en este siglo XXI es, el de ser una institución socializadora eficaz, capaz de dotar a los más jóvenes de los fundamentos de una ciudadanía activa que refuerce la sociedad democrática en un contexto cada vez más globalizado e incierto. Conseguir una buena educación es una tarea insustituible que pasa por construir lo que Alain Touraine llama “una escuela de sujetos”, una escuela capaz de ofrecer iguales oportunidades de autonomía a un público cada vez más caracterizado por una creciente diversidad social y cultural (Terrén, 2005).

Para A. Touraine la escuela es la institución básica del nuevo mundo, a la que hay que exigirle que reconozca la singularidad de cada niño para ayudarlo a ser un individuo libre e independiente. “Hay que pasar de una escuela de la oferta a una escuela de la demanda. Una escuela que no esté orientada hacia la escuela o hacia los maestros o hacia el mercado de trabajo, sino hacia el alumno, (...) Cuando el alumno acude a la escuela, llega con su personalidad y su individualidad, y de lo que se trata es de negociar, ver que se puede hacer. Hablo de un alumno que tiene la posibilidad de aprender por sí mismo, de aprenderse y de crear” (pág. 52)¹.

Desde el desarrollo de esta experiencia, tratamos de construir de manera solidaria y participativa una escuela socializadora y abierta a la diversidad, basada en una pedagogía del encuentro, de la convivencia y de la cooperación entre las diversas individualidades, culturas y sectores.

Ha sido una experiencia gratificante y los alumnos así lo explicitan en la evaluación: reconocen que han aprendido y descubierto otra forma de trabajar desde la cooperación y la ayuda entre iguales.

Desde el punto de vista de los profesores que hemos participado, esta es una *experiencia de reflexión sobre la práctica* y, si bien exige coordinación y diseño previo, también facilita la construcción conjunta del conocimiento y por tanto un análisis de la práctica educativa.

1 Entrevista a Alain Touraine en *Cuadernos de Pedagogía* N.º 354, febrero de 2006. Pág. 48-54



5. Bibliografía

ALTAVA, V.; GALLARDO, I.M. (2004): "La construcción conjunta del conocimiento desde la vivencia del propio aprendizaje. Una experiencia en la Formación Inicial de Maestros". *Investigación en la Escuela*, 52 (69-78).

BRUNER, J.S. (1997): *La educación, puerta de la cultura*. Madrid: Visor.

CASTELLS, M. (1997): *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*. Vol.1 *La sociedad red*. Madrid: Alianza.

CUADERNOS DE PEDAGOGÍA N° 354, febrero de 2006. Pág. 48-54

DARLING-HAMMOND, L. (2001): *El derecho de aprender. Crear buenas escuelas para todos*. Barcelona: Ariel.

DEWEY, J. (1997): *Mi credo pedagógico*. León: Universidad de León.

DEWEY, J. 1989): *Cómo pensamos*. Barcelona Paidós.

ENGUITA, M. (2006): Iguales, ¿hasta dónde? Complejidades de la justicia educativa. En Gimeno, J (2006) *La reforma necesaria: entre la política educativa y la práctica escolar*. Madrid: Ediciones Morata.

GIMENO SACRISTÁN, J. (2005): *La Educación que aún es posible*. Madrid: Morata.

GUTTMAN, A. (2001): *La educación democrática*. Barcelona: Paidós.

GILBERT, S (2001): *J. Dewey: filósofo de la educación democrática*. En la dirección electrónica <http://sincronia.cucsh.udg.mx/winter02.htm>

LÓPEZ RUIZ, J. I. (2005): Nacimiento y crecimiento de las escuelas democráticas: cartografía de la aldea planetaria. En Proyecto Atlántida (2005) *Ciudadanía, mucho más que una asignatura*. Madrid: Proyecto Atlántida.

HARGREAVES, A. EARL, L. y otros (2001): *Aprender a cambiar. La enseñanza más allá de las materias y los niveles*. Barcelona: Octaedro.

JORDÁN, J.A. (1994): *La escuela multicultural. Un reto para el profesorado*. Barcelona: Paidós.

MORIN, E. (2000): *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Barcelona: Paidós.

PÉREZ, GÓMEZ, A. (1998): *La cultura escolar en la sociedad neoliberal*. Madrid: Morata.

PUELLES BENÍTEZ, M. (2005): *Educación, igualdad y diversidad cultural*. Madrid: Biblioteca Nueva.

RAMOS GARCÍA, J. (1994): "Entrevista con Fernando Hernández. La globalización como un cambio de mirada" en *Revista Kikinki* n° 29. (21-23) M.C.E.P. Sevilla,

ROSALES, C. (1988): *Didáctica. Núcleos fundamentales*. Madrid: Narcea.

SARRAMONA, J. (1993): *Cómo entender y aplicar la democracia en la escuela*. Barcelona, CEAC.

TERRÉN, E. (2005): "Rutina, diversidad e incertidumbre: la organización educativa ante entornos multiculturales". En M. Fernández Enguita y M. Gutiérrez Sastre. *Organización escolar, profesión docente y entorno comunitario*. Madrid: Akal.

TOUGH, J. (1989): *Lenguaje, conversación y educación*. Madrid: Visor.